

A LINGUAGEM DO MEME NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DOS MEMES DA COPA 2018 SOB A PERSPECTIVA SEMIÓTICA DE CHARLES SANDERS PEIRCE

Taís Turaça Arantes (UERJ)
taistania@gmail.com

RESUMO

O advento da internet fez surgir inúmeras redes sociais, tais como: o Facebook, o Instagram e o Whatsapp. Essas redes se tornaram importantes meios de comunicação na atualidade e contribuíram para o surgimento de uma linguagem específica de interação: o meme. Dessa forma, o presente estudo compreende o meme como linguagem a partir de seus signos visuais e verbais. A metodologia do trabalho é qualitativa. Como base teórica se utilizou a semiótica de Charles Sanders Peirce, assim como outros pesquisadores da área, tais como: Santaella, Netto e Pignatari. Com a grande diversidade de memes nas redes, para o *corpus* se escolheu aqueles utilizados como forma de interação na Copa do Mundo de 2018.

Palavras-chave:
Semiótica. Copa 2018. Linguagem do meme.

1. Introdução

O presente artigo aborda em seu escopo a discussão da linguagem do *meme* nas redes sociais, sendo as mais comuns delas o *Facebook*, o *Instagram* e o *Whatsapp*. A análise ocorre sob a perspectiva da semiótica de Peirce. A escolha desse ramo teórico está edificada em suas contribuições para estudar o *meme* enquanto linguagem, visto que o mesmo utiliza signos visuais e verbais para compor a sua mensagem.

Atualmente a comunicação nas redes sociais acontece mediante os *memes*, ou seja, não é incomum abrir sua página na rede social e se deparar com várias imagens ou vídeos que constroem ascategorias fenomenológicas de sua mensagem de acordo com os referentes de cada grupo.

Por isso, a escolha do tema como *corpus*, pois como supracitado se buscou estudar e contribuir com os estudos dessa linguagem presente na *internet*. Estudar esse fenômeno da linguagem nos deixa mais próximos de como a nossa língua materna é utilizada em meios comunicativos. Os *memes* escolhidos para análise se pautam no acontecimento da Copa de 2018.

2. O meme

Quando se utiliza o termo *meme* é necessário compreender a sua dimensão, que vai desde o seu surgimento até os momentos atuais, sendo assim, existe uma linha temporal em sua criação, que está dividida em: a) o *meme* de Dawkins; b) *memes* digitais.

De uma forma breve no que concerne à origem do termo *meme*, este teve seu nascimento a partir dos escritos do zoólogo Richard Dawkins de 1976. Para Dawkins o *meme* é um conceito de duplicação da cultura que está atrelado ao conceito de gene e ao processo de seleção natural, que destaca a similaridade com memória e mimesis¹⁹(AREIAS; TEIXEIRA, 2017, p. 03).

Destarte, o *meme* do teórico Dawkins está ligado às ideias que alcançam vida e cujos núcleos sobrevivem, de formas específicas, e que acabam por mudar a sociedade. Para melhor exemplificar que o *meme* de algum criador sobrenatural de toda a vida na terra existe por muitas gerações em várias culturas, esse *meme*, ou ideia, continua a se perpetuar tempo após tempo, e assim, o mesmo pode evoluir de acordo com as diferentes visões de cada cultura. Em outras palavras, a ideia de um deus é um *meme* encarnado (MANSILLA, 2017).

Logo, os *memes* que vemos na *internet* podem ser traduzidos como uma linguagem que visa transmitir ideias e conceitos dentro de um contexto, no caso a *internet* e suas redes sociais. Em corroboração, nessa área de pesquisa Horta (2015) em sua dissertação nos explica que:

[...] o termo meme passou a ser entendido vinculado ao contexto da comunicação mediada pela internet. Desse modo, referir-se a um meme nas últimas décadas, no senso comum, passou a ser, basicamente, referir-se a um meme da internet. E foi justamente essa atribuição do termo a algo que estava acontecendo corriqueiramente nas nossas práticas comunicativas o que suscitou a nossa surpresa: havia algo se repetindo com certa regularidade nas interações

¹⁹ O uso da analogia genética iguala dois conjuntos diferentes de sistemas de processamento da informação presentes em todos os seres humanos: primeiro, o genoma, o conjunto total de genes ou de material genético presente em uma célula ou organismo; os genes são replicados e transmitidos ao longo de gerações, mas se combinam em espécies completas como um genoma. Por outro lado, o cérebro e o sistema nervoso processam a informação recebida por assimilação, imitação (mimesis) ou transmissão cultural, capaz de ser dividida em ideia, conceito, técnica, habilidade, hábito e outras dimensões; essas unidades culturais que replicam a atividade humana são chamadas de *memes*. (MANSILLA, 2017, p. 111-12)

em rede, de modo que essas ocorrências frequentes já estavam inclusive sendo nomeadas com o mesmo vocábulo por seus praticantes na web. (HORTA, 2015, p. 47)

Logo, Shifman (2013, p.18) define o *meme* como fragmentos de formação cultural que passam de indivíduo para indivíduo, tornando-se um fenômeno socialmente compartilhado. Mesmo que eles comecem de forma menor em alguma plataforma de rede social, o seu impacto acontece em um nível maior: o *memes* acaba por moldar as formas de pensamento, comportamento e ações de grupos sociais.

O *meme*, logo, na *internet* é uma linguagem usualmente utilizada por seus usuários para expressar os seus sentimentos e ideias sobre determinados assuntos. O ato de imitação e repetição de ideia se propaga, ganhando forma de vida e novas expressões conforme cada vez mais passado adiante (Blackmore, 2000, p. 4). Logo:

O “meme” de internet é uma ideia que está midiaticizada através de uma imagem, texto, ou som, com a característica de rápida difusão e manipulação por parte de atores sociais atuantes enquanto internautas na rede. Assim, o “meme” de internet não é a imagem, vídeo, texto que é replicado por diversas vezes pelas pessoas na rede, com modificações pessoais de acordo com seu próprio gosto ou intenção, mas sim a ideia que está por traz daquela imagem (DIAS *et al.*, 2015, p. 07)

Na *internet*, como vimos, o termo *meme* passou a se referir a outra coisa, que está além da imagem, é uma linguagem que se constrói para além dos signos verbais e visuais. O *meme* carrega em si categorias fenomenológicas de interpretação. Como supracitado, o *meme* carrega em si ideias e é necessário que o leitor dessa linguagem carregue os referentes necessários para conseguir compreender a mensagem.

3. A semiótica

A semiótica possui várias correntes, entre elas, atualmente, três podem ser citadas por possuírem grande notoriedade: a semiótica greimasiana, fundada por Algirdas Julien Greimas (1917-1992), estabelecida na França e tendo como base o estruturalismo de Louis Hjelmslev e Lévi-Strauss; a semiótica da cultura, com o precursores russos Mikhail Bakhtin (1895-1975) e Roman Jakobson (1896-1982), na qual foi reservada a tarefa de entender os outros sistemas da cultura que não fossem estritamente verbais, contudo, produtores de forma igual de linguagem (MACHADO, 2001, p. 289); e a

semiótica ou lógica de Charles Sanders Peirce (1839-1914), que fornece em sua estrutura definição e classificações de signos linguísticos.

Para Lemke (1997), Peirce se caracteriza como um rebelde, pois ele fundiu a lógica e o sistema de tomada de significado, dando origem a sua semiótica ou lógica. O pesquisador Lemke ainda explica que as semióticas de Peirce e Saussure são as formais, por serem a semiótica da matéria. Essa nomenclatura surge devido ao fato de que a semiose (Saussure) e a semiótica (Peirce) são uma construção do significado, pois um objeto leva um sinal de interpretação de uma coisa; um evento, um processo ou fenômeno em relação a outro.

Décio (2004, p. 15) nos explica que a semiótica é a ciência que ajuda o ser humano a “ler” o os signos do próprio mundo. Por isso que a semiótica de Charles Sanders Peirce servirá de base para análise da construção signíca da linguagem do *meme*, visto que, como Jamani (2011, p. 193) nos explica, a semiótica é o estudo da construção dos significados através dos signos, sendo eles verbais ou visuais e tem como premissa a noção de que os signos têm uma qualidade triádica. A respeito dessa relação de qualidade triádica, explica-se que há o próprio sinal físico, seja uma palavra, gesto ou imagem com a entidade a que se refere, tal como um objeto ou ideia. Dessa forma, os signos são sentidos ou significação, e, é nessa construção que o sentido da linguagem do *meme* se perpetua.

Nesse sentido, de “ler” o mundo, o pesquisador Lemke (1997, p. 04) explica que a semiótica dentro de uma comunidade é uma prática interpretativa, assim como também é, necessariamente, um processo material em algum sistema físico, além de ser também social e humano, ou seja, a prática semiótica permeia o cotidiano e está presente nas várias convenções da sociedade. Essas práticas de construção de significado são significativas dentro de um tempo e uma cultura. Essas práticas são parte dos sistemas culturais de significado.

Não é incomum olharmos para algo e buscar nele referentes para compreender a mensagem que ali está se tentando passar. O ser humano realiza o seu olhar através da semiótica para entender as relações existentes dos signos que os rodeiam. Realiza-se leituras por categorias, que são:

De acordo com a teoria semiótica de Charles Peirce (1974), todo fenômeno pode se manifestar dentre três categorias: primeiridade (coerência), secundidade (reação, conexão) e terceiridade (interpretação). Tal representação é acionada por um signo em três formas: ícone, índice (index) e símbolo. O

ícone é que conota o seu objeto através da semelhança. O índice indica a existência, continuidade física com seu referente. O símbolo é o signo interpretado por convenção geral. (EMÉRITO, 2010, p. 5)

As categorias fenomenológicas citadas anteriormente dentro da teoria de Peirce são o que define a qualidade, relação e representação (SANTAELLA, 2012). A primeiridade ao nível sensível, do signo em si mesmo, aquilo que está de forma imediata presente na consciência humana; a secundidade está no nível da experiência relativa às relações semântica entre signo e o seu objeto; a terceiridade diz respeito à mente, o signo em relação ao interpretante (NETTO, 1983, p. 61).

4. Os memes da Copa 2018

O *corpus* escolhido para análise nesse artigo foram os *memes* criados durante a Copa. Escolheram-se quatro que fazem relações intersemióticas com cinema e seriados. Como já exposto anteriormente, o *meme* se apropria de outros signos verbais e visuais para criar o seu novo discurso, para criar uma nova mensagem para o seu leitor.

O leitor por sua vez precisa evocar esses signos para compreender a mensagem exposta. Observa-se o *memes* a seguir:



Fonte: "GoT da Depressão", Facebook. Acessado em 11/05/2018.



Figura 2 – O julgamento da Alemanha
Fonte: “Got da Depressão”, Facebook. Acessado em 11/05/2018.



Figura 3 – Às quartas usamos rosa

Fonte: “Memes twitter”, Instagram. Acessado em 11/05/2018.

No caso, as figuras 1 e 2 estão relacionadas com o seriado *Game of Thrones*, a vingança dos Starks, e com a Copa de 2014, em que o Brasil perdeu para a Alemanha de 7 x 1. A figura 1 apresenta a frase “Diga que o Canarinho Pistola se lembra” feita a partir de uma frase do seriado “O Norte se lembra”. Se o leitor não tiver esses referentes ele não consegue completar as lacunas e compreender a mensagem. Da mesma forma na figura 2, quando não há nenhum signo verbal presente, apenas as bandeiras ao lado de cada personagem. Nessa figura 2, no primeiro enquadramento se tem o

personagem Mindinho, a Alemanha, traíndo o personagem Ned Stark, o Brasil, e, em segundo plano o julgamento do personagem Mindinho pelos filhos do Ned Stark, que no caso representam dois times da tabela de grupo em que a Alemanha estava, e, conseqüentemente, o Brasil. Observa-se que são a partir dos níveis de primeiridade, secundidade e terceiridade que o leitor completa a leitura da mensagem do *meme*.

A figura 3 traz a mensagem pelos signos verbais “Estamos nas quartas, né?” e abaixo a seleção vestida de rosa. Para a compreensão dessa mensagem, o leitor precisa completar a lacuna através do filme de comédia *Meninas Malvadas*, de 2004, em que as meninas populares usavam rosa nas quartas-feiras.

Dessa forma, o potencial comunicativo se estabelece a partir da leitura. Os *memes* precisam despertar em seus leitores o cômico através de uma lacuna. Lacuna esta que os leitores preenchem com o seu nível interpretativo.

Para conseguir despertar no leitor/receptor o nível de julgamento, o *meme* precisa trabalhar o interpretante do signo. Nesse sentido, Netto apresenta esses três termos a partir do interpretante do signo. Na teoria de Peirce há o Interpretante Imediato, o Interpretante Dinâmico e o Interpretante Final, que podem ser chamados respectivamente de sentido, significado e significação. A seguir a definição de cada um dos termos:

Sentido é o efeito total que o signo foi calculado para produzir e que ele produz imediatamente na mente, sem qualquer reflexão prévia; é a Interpretabilidade peculiar ao signo, antes de qualquer intérprete. Significado é o efeito direto realmente produzido no intérprete pelo signo; é aquilo que é concretamente experimentado em cada ato de interpretação, dependendo portanto do intérprete e da condição do ato e sendo diferente de outra interpretação. Significação é o efeito produzido pelo signo sobre o intérprete em condições que permitissem ao signo exercer seu efeito total; é o resultado interpretativo a que todo e qualquer intérprete está destinado a chegar, se o signo receber a suficiente consideração. (NETTO, 1983, p. 71-72)

A primeiridade é aquilo que está presente em nossa consciência, ela é de natureza espontânea. Essa categoria fenomenológica se caracteriza como uma leitura mais simples de um texto, algo que ainda é superficial. Os *memes* em questão possuem texto e imagem, dessa forma, em um primeiro momento o leitor realiza a leitura dos signos verbais e visuais. O leitor evoca nesse sentido essa primeira mensagem.

A secundidade está no nível do real e concreto. É a aparição de ex-

perícia na mente de uma pessoa. Ao analisar os *memes*, o leitor verifica através das imagens que o signo visual verbal precisa de um referente para que o mesmo seja compreendido em sua plenitude. Essa segunda categoria fenomenológica demonstra a ação e reação do nível do concreto. A relação diádica se estabeleceu entre a imagem e o texto.

A terceiridade é a categoria da reflexão, do entendimento que o leitor alcança quando realiza a visualização completa da mensagem do *meme* e surge o cômico; quando o leitor verifica o signo verbal e o visual como um só. A terceiridade, no caso dos *memes* escolhidos, evoca o sentido do cômico através de algo que o leitor já conhece.

As categorias fenomenológicas são acionadas por um signo que se divide em uma das tricotomias, que é a relação do signo com o seu objeto: ícone, índice e símbolo. No caso dos *memes*, o ícone é aquele que vai conotar um objeto através da semelhança. Os signos verbais e visuais presentes no *meme* despertam signos já existentes na mente do leitor. Dessa forma, o índice, enquanto um signo indicador, proporciona ao leitor do *meme* chegar às suas conclusões sobre o signo visual e signo verbal através de outro signo visual existente. Sendo assim, o símbolo é a abstração do concreto que o leitor realiza por uma convenção. A convenção nesse caso está ligada ao fato de que o *meme* pretende despertar o cômico através de sua mensagem.

5. Considerações Finais

Em tempo, observamos que o *meme* se estabelece como uma linguagem dentro da *internet*, e que não é incomum observar esse fenômeno transcender a tela de um computador e ir parar dentro de livros didáticos e em provas de vestibulares.

Os exemplos de *memes* relacionados à Copa demonstrou que é necessário que o leitor tenha um conhecimento da origem dos signos visuais e verbais utilizados pelas imagens para construir novos signos verbais e visuais, ou seja, o leitor precisa estar a par do contexto para compreender a mensagem.

A teoria semiótica de Peirce contribui para essa compreensão, sobretudo, a suas categorias fenomenológicas em que o leitor chega na interpretação por meio de “momentos”, através de uma sequência entre o que se vê num primeiro momento e num segundo, para então construir o sentido em

um terceiro momento.

Sendo assim, espera-se com esse estudo que mais outros possam surgir com a intenção de compreender essa linguagem em seus vários meios, para além da *internet*, e de como o *meme* conseguiu se materializar em outros veículos, tal como livros, provas escolares e até provas de vestibulares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AREIAS, A.; TEIXEIRA, M. H. R. Bela, Recatada e Do Lar: o *Meme* Digital Como Instrumento de Expressão Identitária. In: *XI Alcar Encontro Nacional de História da Mídia*. 2017. São Paulo.

BLACKMORE, S. *The Meme Machine*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

DIAS, F. *et al.* Memes, Uma meta-análise: proposta a um estudo sobre as reflexões acadêmicas do tema. In: *XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Rio de Janeiro-RJ – 4 a 7/9/2015.

EMERITO, M. Diálogo entre Barthes, Peirce e Greimas. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, junho de 2010, p. 1-13

HORTA, N. B. *O meme como linguagem na internet: uma perspectiva semiótica*. 191 p. 2015. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

JAMANI, K. J. A semiotic discourse analysis framework: understanding meaning making in Science education contexts. In: HAMEL, Steve. *Semiotics theory and applications*. Canada: Nova Science Publishers, 2011.

LEMKE, J. L. Cognition, contexto, and learning: a social semiotic perspective. In: KIRSHNER, David; WITHSON, James. *Situated Cognition Theory: Social, Neurological, and Semiotic Perspectives*. LONDON: Lawrence Erlbaum Associates, 1997.

MANSILLA, E. V. *Memes, menomas e LOLs: expressão e reiteração a partir de dispositivos retóricos digitais*. Matrizes, V.11, n. 2 maio/ago. 2017, São Paulo.

NETTO, J. T. C. *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo:

Perspectiva, 1983.

PEIRCE, C. S. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1975.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PIGNATARI, D. *Semiótica e literatura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

SHIFMAN, L. *Memes in digital culture*. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology Press, 2013.